



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

**Filme para brasileiro (se) ver: o desenho animado e a aproximação Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial**

Andreza Santos Cruz Maynard<sup>1</sup>

**Resumo:** este artigo analisa como o filme *Alô, Amigos!* foi utilizado para aproximar o Brasil dos Estados Unidos no início dos anos 1940. Desde a década de 1930, o governo norte-americano vinha tentando mudar sua política externa e a imagem no continente, buscando se aproximar dos latino-americanos através da chamada *Política da Boa Vizinhança*. Em 1940, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) foi criado para coordenar uma série de ações para promover intercâmbios culturais e propaganda pró-EUA na região, sendo o cinema uma das seções que recebeu atenção especial do OCIAA. Walt Disney foi enviado para a América Latina com o objetivo de criar desenhos animados com personagens locais. A viagem foi documentada no filme *Alô, Amigos!* que estreou no Brasil em 1942. Estreando no mês em que os navios brasileiros foram torpedeados pelo Eixo, o filme reafirmava a solidariedade entre Brasil e EUA. A produção também foi exibida para os norte-americanos, mas Disney precisava agradar outra plateia. O desenho em que Zé Carioca é apresentado foi elaborado para brasileiro (se) ver.

**Palavras-chave:** Alô, Amigos!. Cinema. Segunda Guerra Mundial.

**Film for (and about) brazilians: the cartoon and the Brazil / United States approach during the Second World War**

**Abstract:** this article aims to analyze how the movie *Saludos Amigos* was used to approach Brazil closer to the United States in the early 1940s. Since the 1930s, the United States government had been trying to change its foreign policy and image on the continent, seeking to get closer to Latin Americans through the so-called Good Neighbor Policy. In 1940, the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) was created to coordinate a series of actions to promote cultural exchanges and pro-US propaganda in the region, with cinema being one of the sections that received special attention from OCIAA. Walt Disney was sent to Latin America with the aim of creating cartoons with local characters. The trip was documented in the movie *Hello, Friends!* which debuted in Brazil in 1942. Debuting in the month when Brazilian ships were torpedoed by the Axis, the film reaffirmed the solidarity between Brazil and the USA. The production was also shown to the Americans, but Disney needed to please another audience. The drawing in which Zé Carioca is presented was designed for the Brazilian (if) to see.

**Keywords:** Salud Amigos!, Cinema, World War II.

*Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre.*

MAYNARD, A. S. C.

*Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.*

Clarice Lispector

A primeira metade do século XX foi marcada pelas catástrofes das duas guerras mundiais. Tais eventos influenciaram os países do globo em termos políticos, econômicos, culturais e ideológicos. No afã de se tornarem superpotências, a Alemanha e os Estados Unidos lançaram mão de uma poderosa arma: a propaganda. Os alemães criaram um Ministério para promover o *Reich*, enquanto os Estados Unidos desenvolveram junto ao Departamento de Defesa uma agência para promover a integração do continente e ao mesmo tempo difundir o *American way of life*.

Programas e rádio, músicas e filmes muitas vezes foram aproveitados como veículo de propaganda da ideologia dos dois países. Um tipo particular de produção cultural, o desenho animado, também foi empregado como meio para conseguir aliados durante a guerra. Pensando nisso o objetivo desse artigo é analisar como o filme *Alô, Amigos!* foi utilizado para aproximar o Brasil dos Estados Unidos no início dos anos 1940.

Após o fim da Primeira Guerra os países experimentaram convulsões políticas e econômicas sucessivas. A resposta da Itália à crise dos anos 20 foi a ascensão de Benito Mussolini e do fascismo ao poder. Através do fascismo os italianos conseguiram estabilidade política e crescimento econômico. O modelo logo foi copiado por outros países, já que o liberalismo havia fracassado, na opinião de muitos. O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva define fascismo(s) como “o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945”.<sup>II</sup>

Mussolini se tornou Primeiro Ministro italiano em 1922, e Hitler assumiu a chancelaria na Alemanha em 1933. Ambos recorriam ao autoritarismo e forte sentimento nacionalista para comandar seus seguidores. Mas as práticas fascistas não se limitaram a esses dois países. Silva lembra que “o fascismo, para muitos, ficou circunscrito ao nazismo (a variante alemã) e associado (o que é correto) exclusivamente (o que não é correto) à história da Alemanha”.<sup>III</sup>

Esse movimento se tornou um regime político ideológico que influenciou países como França, Inglaterra, Romênia (onde os fascismos que só existiram enquanto movimentos ou partidos), Espanha e Portugal (que chegaram ao poder e desaguaram em regimes autoritários no pós-1945 com Franco e Salazar), Alemanha, Hungria, Croácia, Itália (tomaram o poder e foram extintos com a derrota de 1945). Para que o fascismo se chegasse ao poder era preciso que o país oferecesse determinadas condições. Michel Mann indica alguns desses fatores como a crise econômica que “surgiu no final da Primeira Guerra e, depois, novamente com a grande depressão de 1929”<sup>IV</sup>. A crise militar também é mencionada já que a guerra trouxe perdas territoriais e um ambiente geopolítico instável, além de uma crise ideológica, na qual conservadores atacavam a modernidade e o liberalismo, e as crises políticas que “foram as mais decisivas”.<sup>V</sup>

O rádio foi largamente utilizado pelos alemães para alcançar a América Latina. Programas eram transmitidos em alta frequência pela rádio Berlim. Segundo Antônio Pedro Tota “os alemães continuavam a ‘atacar’ a América Latina em ondas curtas da Rádio Berlim, em especial o Brasil com cerca de 1 milhão de alemães ou descendentes assentados nos estados do Sul”<sup>VI</sup>.

No Brasil, Getúlio Vargas copiava algumas estratégias do fascismo europeu. Seu governo foi marcado pelo centralismo político. O sergipano Lourival Fontes, diretor do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda – criado em dezembro de 1939) era

MAYNARD, A. S. C.

declaradamente simpático ao fascismo italiano. Sônia de Castro Lopes estudou o diretor de DIP e aponta a proximidade entre o brasileiro e Benito Mussolini, de quem recebia queijos e vinhos, e com quem trocava cartas. Mas o fascismo empolgou outros intelectuais nos anos 30, como por exemplo, “San Thiago Dantas, Otávio de Faria, Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, Helio Viana, Gustavo Barroso e Plínio Salgado”<sup>VII</sup>.

A despeito das preferências dos intelectuais mencionados e de tantos outros, a política externa brasileira da época repousava na “equidistância pragmática”. O Brasil mantinha relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha e com os Estados Unidos. Na segunda metade dos anos 30 o Brasil aumentou o comércio por compensação com a Itália e principalmente com a Alemanha. Produtos industrializados, armas e equipamentos eram obtidos, e em troca o Brasil fornecia matérias-primas para as fábricas alemãs e italianas.

No período entre as guerras mundiais a América Latina foi alvo de disputa entre o “autoritarismo anti-parlamentar nacionalista e protecionista alemão; de outro, a liberal-democracia e o internacionalismo livre cambista norte-americano”<sup>VIII</sup>

Na segunda metade dos anos 30, o comércio com a Alemanha só perdia para as exportações que o Brasil realizava para os Estados Unidos. Entretanto com o bloqueio marítimo da Inglaterra em 1940, o intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha caiu para 1/10 do nível do ano anterior. A medida beneficiava os Estados Unidos, mas criou certa animosidade entre Brasil e Inglaterra.

Desde o início dos anos 30 os Estados Unidos vinham tentando mudar sua política externa e a imagem do país no continente. O governo de Franklin D. Roosevelt, que assume como presidente em 1933, procurava convencer os vizinhos que a *Doutrina Monroe* e o intervencionismo havia sido abandonado em nome da *Política da Boa Vizinhança*. Preocupados com a influência da Alemanha sobre a América Latina, os Estados Unidos criaram no dia 16 de agosto de 1940 uma agência destinada a coordenar “os esforços dos Estados Unidos no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina”<sup>IX</sup>.

O jovem e multimilionário Nelson Aldrich Rockefeller chefiou a superagência a maior parte do tempo. Inicialmente chamada Office for Cordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics, um ano depois a denominação passou a ser Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), e em março de 1945 assumiu o nome de Office of Inter-American Affairs, que permaneceu até sua extinção em 20 de maio de 1946. As atividades se encerraram em 1946, mas alguns projetos continuaram até 1949.

O organismo criado se destinava a “promover ‘a cooperação interamericana e a solidariedade hemisférica’”. Mas havia outros fins como “enfrentar o desafio do

MAYNARD, A. S. C.

Eixo no plano internacional e consolidar o Estado norte-americano como grande potência<sup>xx</sup>. O OCIAA estava subordinado ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos, e surgiu como parte do esforço de preparação para a guerra. A agência gastou cerca de 140 milhões de dólares em seis anos. Chegou a empregar 110 pessoas nos Estados Unidos e 200 no estrangeiro, além de voluntários que apoiavam as atividades do Birô em 20 países americanos. O OCIAA se fixou na idéia do *pan-americanismo* e *solidariedade hemisférica*, porém a teoria e a prática não coincidiam. O discurso enfatizava a democracia e os direitos individuais, mas na prática os políticos estavam convencidos de que os governos autoritários eram o único caminho para manter a estabilidade política.

O OCIAA estava dividido em uma Comissão e u Comitê que se subdividiam em divisões e seções. A divisão de Comunicação, subordinada do Comitê Interdepartamental de Assuntos Americanos, estava subdivida nas seções de rádio, filmes, imprensa, viagens e esportes. Uma das iniciativas do OCIAA consistia em promover a troca de experiências entre os norte e latino-americanos.

Nesse sentido artistas, professores, estudantes, militares e técnicos brasileiros foram aos Estados Unidos. De maneira semelhante, muitas missões americanas vieram à América Latina, e particularmente ao Brasil, para promover a aproximação entre as Américas.

No plano do intercâmbio havia muito mais americanos que vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial do que brasileiros que foram aos Estados Unidos. De acordo com Gerson Moura “os brasileiros iam aos Estados Unidos para aprender; os americanos vinham ao Brasil para ensinar”<sup>xxi</sup>. Para Moura, o objetivo básico do OCIAA era imprimir o “ponto de vista, a informação, os valores, o saber e os métodos do Estado e do *establishment* norte americano”<sup>xxii</sup>. Eles desejavam combater a influência ideológica do fascismo, e afirmar um liberalismo específico, o *American way of life*.

O cinema recebeu atenção especial do OCIAA. Walt Disney já era famoso à época e foi enviado junto a uma equipe de desenhistas, roteiristas e músicos para a América Latina com o objetivo de criar desenhos animados “com personagens locais e temas próximos ao gosto das platéias latino-americanas”<sup>xxiii</sup>. A viagem foi documentada no filme *Alô, Amigos!*. Enquanto os filmes sobre os Estados Unidos promoviam o modo de vida americano, os latino-americanos deveriam ser retratados nas produções hollywoodianas como pessoas civilizadas, que trabalhavam pelo progresso e pela modernização de seus países. Era preciso tomar cuidado para não ofender ou irritar os latino-americanos, pois os Estados Unidos precisavam de aliados.

Em meio às dificuldades em manter relações comerciais com os países do Eixo, e concomitantemente às promessas de auxílio financeiro dos Estados Unidos, o Brasil abandona a equidistância pragmática e se posiciona ao lado dos norte-americanos. O Ministro das relações exteriores entre 1938 e 1944, Osvaldo Aranha, era confessadamente partidário do Tio Sam. Aranha afirmava que a política externa Brasileira deveria se pautar nessa orientação: “apoiar os Estados Unidos em seu papel de potência mundial, em troca do apoio destes a supremacia do Brasil na América do Sul”<sup>xxiv</sup>.

Em dezembro de 1941 os japoneses atacaram a base norte-americana de *Pearl Harbor*, com isso os Estados Unidos entraram na guerra. Em Janeiro de 1942 o Brasil rompe relações diplomáticas com os países do Eixo. Contudo Getúlio Vargas só anunciou que o país estava em guerra depois que seis embarcações comerciais brasileiras foram afundadas, em agosto de 1942, entre os estados da Bahia e Sergipe. A partir dessa ofensiva os brasileiros se posicionaram contra o Eixo. O DIP, encarregado de fiscalizar a imprensa, já não censurava os periódicos que veiculavam notícias desfavoráveis aos países do Eixo

MAYNARD, A. S. C.

e seus respectivos governantes.

Até então o DIP proibia veementemente as manifestações contrárias a qualquer país com quem o Brasil mantivesse relações diplomáticas. Quando os norte-americanos anunciaram que pretendiam produzir e exibir filmes no Brasil, Lourival Fontes explicou que eram proibidos “filmes que degradassem um governo estrangeiro ou chefe de Estado de um país com o qual o Brasil mantivesse um relacionamento amigável”, bem como “filmes que violam o código moral do povo brasileiro”. Ainda de acordo com o diretor seriam vetados os “filmes que denigram o sistema de governo brasileiro e/ou oficiais do governo brasileiro”<sup>xv</sup>. A premissa valia também para a imprensa, mas com a declaração de guerra do Brasil ao Eixo a lógica era outra. A Alemanha, Itália e Japão não eram mais consideradas nações amigas.

Na edição de 12 de setembro de 1942 a Revista *Fon-Fon* incitava os brasileiros a pegar em armas para salvar o país. Em nome do sentimento de defesa nacional, a Alemanha, Itália e Japão foram chamados de “bárbaros” e “vândalos”. O episódio do naufrágio das embarcações brasileiras é descrito “como uma triste advertência – e advertência agressiva, desumana e ousada – aí está o atentado nefando do nazismo, cometido contra indefesos navios da navegação mercante brasileira”<sup>xvi</sup>.

O povo foi às ruas do Rio de Janeiro em agosto de 1942 para manifestar o desejo de defender os brios da nação. Após o torpedeamento dos navios na costa brasileira, os cariocas marcharam carregando placas com a inscrição “queremos a guerra”, e queimaram uma bandeira nazista em frente ao teatro municipal. A revista *O Cruzeiro* mostrou imagens do povo às portas do Palácio da Guanabara, onde um simpático e atencioso Getúlio ouviu os reclames da população. Na legenda de uma das fotografias o periódico destacou “manifestantes em ‘meetings’ de protesto”<sup>xvii</sup>.

Por um lado os cariocas tornavam público o desejo de combater os países do Eixo. Por outro a utilização do termo “meetings” na legenda da fotografia indicava que a americanização apresentava-se sutilmente, quase imperceptível, mas presente, no momento em que o povo se manifestava em favor da entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, dentre os quais os Estados Unidos.

Cada vez mais o Brasil se aproximava dos Estados Unidos. E em muitas ocasiões o *Jornal da Manhã*, canal de difusão do DIP, ajudava a promover as ações e projetos do OCIAA. Dia 24 de agosto de 1942 estreou o filme *Alô, Amigos!* no Brasil. A ocasião recebeu o patrocínio da primeira dama Darci Vargas. E o evento foi noticiado por vários canais, como o já mencionado *A Manhã*, e pela Revista *Brazil*, periódico destinado ao público norte-americano.

A Revista *Brazil* informava que um papagaio brasileiro e o Pato Donald iriam estreiar um novo filme de Walt Disney. De acordo com o artigo publicado, o criador do famoso Donald teve a idéia de dar vida a um novo personagem “as a result of his trip to South America last Summer. The film, wich already has reached Rio de Janeiro in its Portuguese version, will also be shown in English in the United States after its Brazilian premiere”<sup>xviii</sup>

O filme *Alô, Amigos!* cujo nome original é *Saludo Amigos* tem aproximadamente 42 minutos. A película mostra cenas reais da expedição de desenhistas, músicos e escritores enviados à América Latina. A produção traz ainda quatro desenhos animados: “Lake Titicaca, Pedro, El Gaucho Goofy e Aquarela do Brasil”<sup>xix</sup>. O filme retrata a América do Sul, mas a película também foi exibida nos Estados Unidos. Daí a preocupação em colocar alguns termos em inglês, inclusive nos créditos iniciais.

MAYNARD, A. S. C.

Antes de começar o filme, aparece uma mensagem na qual Walt Disney oferece o desenho animado como uma retribuição pelo acolhimento que ele e toda a equipe recebeu enquanto estiveram em outros países. Mas apesar da equipe ter visitado a América do Sul, a produção Hollywoodiana é ofertada a todos “os amigos latino- americanos”. Nas palavras do desenhista “Whit sincere appreciation for the courtesy and cooperation shown us by the artists, musicians and our many friends in Latin America”<sup>xx</sup>.

No discurso não há separação entre as Américas do Sul, Central e do Norte. Disney fala sobre um amigo de quem os Estados Unidos precisavam se aproximar: A América Latina. O objetivo do Departamento de Defesa era criar a imagem do continente unido contra o inimigo comum, o Eixo. Todos os esforços deveriam ser feitos no sentido de tornar a política da boa vizinhança algo concreto para todo o continente. Graças à cooperação dos latino-americanos, Disney e sua equipe conseguiram produzir o desenho. Esse mesmo espírito de cooperação deveria ser cultivado na vigência da guerra.

Ao som de “Aquarela do Brasil” o desenho de mesmo nome apresenta o Brasil aos Estados Unidos e aos próprios brasileiros. O pincel do desenhista segue o ritmo da música de Ary Barroso e mostra toda a exuberância da flora e fauna brasileira. Ocorre uma explosão de cores. Formas sedutoras surgem, dançam e cantam. Nessa ocasião aparece o pato Donald e um personagem completamente desconhecido. O pincel de Disney vai dando forma, cores e vida a um novo ser diante dos olhos curiosos de Donald, que imediatamente questiona “What’s that? A parrot?”<sup>xxi</sup>.



Imagem 1. José Carioca, Brasil, 1942. Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/>

O personagem ainda sem nome entrega seu cartão de visitas escrito em português, que é lido com dificuldade por Donald “José Carioca, Rio de Janeiro, Brasil”<sup>xxii</sup>. Aí está, o único personagem brasileiro criado por Disney graças à Segunda Guerra Mundial. Mais tarde José Carioca se tornaria conhecido apenas por Zé Carioca, um “papagaio verde-amarelo, num desenho que se tornou famoso pelo apuro técnico e pela escolha perfeita do personagem em relação à sociedade que, através dele se pretendia expressar”<sup>xxiii</sup>.

Em seguida Donald apresenta seu cartão “Donald Duck, Hollywood”<sup>xxiv</sup>. O personagem americano não precisou especificar de que cidade ou país era originário. Imediatamente Zé Carioca reconheceu o astro dos desenhos

MAYNARD, A. S. C.

animados.

De acordo com Moura, Donald representa o americano médio. Ele é um pato, que vem visitar o Brasil. Zé Carioca é falador, fã de Donald e tem imenso prazer em recebê-lo. Quando Donald estende a mão, Zé Carioca responde com empolgação “ora venha de lá um abraço, um mesmo daqueles, um quebra costelas, um bem carioca, bem amigo”<sup>xxv</sup>. Portanto o brasileiro que se apresenta é na realidade um morador da cidade do Rio de Janeiro.



Imagem 2. Pato Donald e José Carioca, Brasil, 1942. Fonte: <http://blig.ig.com.br/blogbdh>

O pato Donald encontra aqui um papagaio, e as duas aves se entendem com facilidade. Zé Carioca traz as insígnias do Brasil, pois seu corpo é feito coberto por penas verdes, já o bico e as patas são amarelas. Entretanto o rabo apresenta uma curiosidade. São três penas longas, duas azuis e uma vermelha, cores que lembram a bandeira norte-americana. O novo personagem reforçava a solidariedade entre Brasil e Estados Unidos.

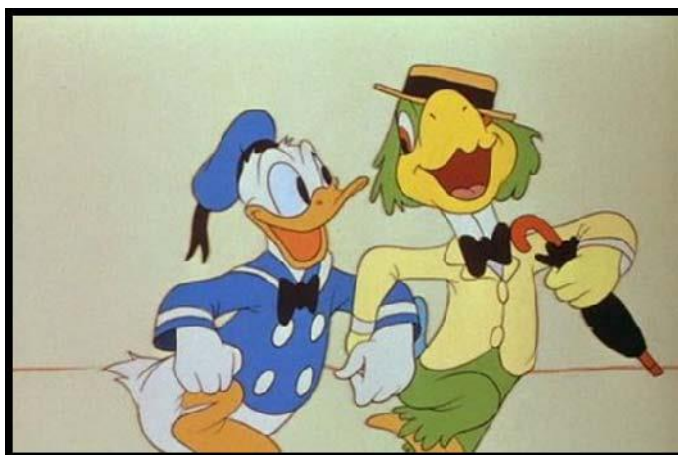


Imagem 3. Pato Donald e José Carioca, Brasil, 1942. Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/>

Assim como os demais personagens de Disney, o amiguinho verde, amarelo, azul e vermelho não estava nu. Ele trajava uma bela casaca, gravata borboleta, chapéu de malandro, guarda-chuva e quase sempre um charuto. Mônica Velloso acredita que

MAYNARD, A. S. C.

este protótipo do brasileiro sugere a própria figura de Vargas: amistoso, sorridente e até malandro quando se tratava de resolver as difíceis jogadas políticas. Nenhuma imagem poderia surtir mais efeitos populares do que esta, garantindo a profunda identificação do presidente com o *ethos* e as coisas nacionais<sup>xxvi</sup>.

Não bastasse isso tudo, o Zé Carioca adorava cair numa roda de samba e beber. O anfitrião brasileiro ensina Donald a dançar e o convida a tomar “uma cachacinha”. O convidado prontamente experimenta a bebida tipicamente brasileira e quase que involuntariamente seu corpo entra no ritmo do samba. O camundongo Mickey, considerado muito WASP (White, Anglo-Saxon and Protestant), provavelmente desaprovava a farra que era a vida do Zé Carioca, e dos brasileiros conseqüentemente. Walt Disney não inventou o desenho animado, mas lhe deu vida através de sua imaginação e apuro técnico. A estratégia de utilizar personagens conhecidos para despertar sentimentos nas crianças e em adultos, já havia sido utilizada antes. Em 1936 o Japão desejava incitar sua população a lutar contra os Estados Unidos. Os japoneses exibiram um desenho animado no qual o Mickey aparecia atirando nos moradores de uma ilha, que vivia feliz até o aparecimento do “malvado Mickey”.

Quando os Estados Unidos cortaram relações com os países do Eixo os personagens dos quadrinhos acabaram sofrendo as conseqüências. Em dezembro de 1941 a Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos. No caso os quadrinhos italianos, a partir de então os balões das revistinhas foram substituídos por legendas sob os desenhos. Personagens americanos também foram substituídos por imitações italianas. “Mickey foi assassinado”. De uma semana para outra as aventuras do Mickey passaram a ser vividas por um tal “Toffolino, humano, não mais animal, sempre com quatro dedos na mão como os animais antropomórficos de Disney, e seus amigos continuavam a se chamar Mimma, em vez de Minnie, e Pippo<sup>xxvii</sup>. Repentinamente os americanos se tornam maus.

Os personagens se dividiam entre heróis e bandidos. Num úmero de “Aventuroso” intitulado “A destruição do mundo” aparece o herói e um “ditador cruel e impiedoso, Ming, de nomes e traços diabolicamente asiáticos<sup>xxviii</sup>. Os heróis dos livros escolares e revistinhas se batiam pelo *Duce*. Um dos heróis dos anos 30 e 40 era “o gigante Dick Fulmine, de maxilar voluntarioso e mussoliniano, que ao som de punhos destruía malfeitores de origem certamente não ariana, como o negro Zambo, o sul-americano Barreira e, mais tarde, um Mandrake mefitosfelizado, maligno e criminoso<sup>xxix</sup>.



MAYNARD, A. S. C.



Imagem 4. Dick Fulmine. Fonte: ECO, 2005, p. 243.

Os filmes que retratavam a América Latina também eram exibidos nos Estados Unidos, principalmente em escolas. A imagem do Brasil impressa no filme *Alô, Amigos!* é a de um local de natureza exuberante, onde as pessoas, assim como o personagem Zé Carioca, são hospitaleiras, alegres e educadas. Em sua breve conversa com Donald, Zé Carioca responde duas vezes com um polido “muito obrigado” ao amigo norte-americano.

O desenho animado não foi apreciado apenas pelas crianças. Adultos importantes se reuniram para ver o resultado do trabalho da expedição que acompanhou Walt Disney ao Sul do continente. Ao retornar de Washington o diretor do OCIAA no Brasil Berent Friele

Foi assistir ao filme ‘saludos’, em companhia do presidente Vargas e seus familiares no Palácio da Guanabara. Dr. Assis Figueredo do DIP, ficou tão entusiasmado em assistir que assegurou que o filme seria um grande sucesso, a família do Presidente e um grupo de amigos também gostaram muito.<sup>xxx</sup>

A reação de Vargas, seus familiares e amigos ao filme deram uma mostra de que o filme seria um sucesso no Brasil. E realmente o foi, graças ao apuro técnico de Disney e da colaboração do DIP aos projetos do OCIAA no Brasil.

Coincidentemente o filme estreou no Brasil no mês em que os navios brasileiros foram torpedeados pelo Eixo. *Alô, Amigos!* reafirmava a solidariedade entre o Brasil e os

MAYNARD, A. S. C.

Estados Unidos. A produção também foi exibida para os norte-americanos, mas Disney precisava agradar outra platéia. O desenho em que Zé Carioca é apresentado foi elaborado para brasileiro (se) ver.

### Notas:

<sup>I</sup> Profe

<sup>II</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Fascismos*. In: FILHO, Daniel Aarão Reis, FERRIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 112

<sup>III</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Fascismos*. In: FILHO, Daniel Aarão Reis, FERRIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 116

<sup>IV</sup> MANN, Michael. *A ascensão e a queda do fascismo*. In: PARADA, Maurício. **Fascismos: conceitos e experiências**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 34.

<sup>V</sup> MANN, Michael. *A ascensão e a queda do fascismo*. In: PARADA, Maurício. **Fascismos: conceitos e experiências**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 35.

<sup>VI</sup> TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 74.

<sup>VII</sup> LOPES, Sonia de Castro. **Lourival Fontes: as duas faces do poder**. Rio de Janeiro: Litteris Ed.: 1999. p. 65.

<sup>VIII</sup> (PINHEIRO, 1995, p. 111).

<sup>IX</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 20.

<sup>x</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 21.

<sup>xi</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 50.

<sup>xii</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 52.

<sup>xiii</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. *Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra*. In: **Revista USP**. São Paulo. Junho-Agosto, 1995. p. 60.

<sup>xiv</sup> ALVES, Vagner Camilo. *Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial*. In: **Revista brasileira de política internacional**. Janeiro/Junho. Ano/vol. 48, numero 1. Brasília, Brasil. p .151-177.  
P. 151

<sup>xv</sup> Cf. CPDOC/FGV-RJ – IAA Memo CO- N. 61- 02/09/1941.

<sup>xvi</sup> FON- FON, Às armas, brasileiros!, Set. 1942, p. 1.

MAYNARD, A. S. C.

- 
- <sup>xvii</sup> O CRUZEIRO. O povo brasileiro em guerra, 29 ago. 1942, p. 4.
- <sup>xviii</sup> BRAZIL, Brazilian parrot and Donald duck star in new Disney film, Ago. 1942, p.9.
- <sup>xix</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xx</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xxi</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xxii</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xxiii</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p.39.
- <sup>xxiv</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xxv</sup> DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.
- <sup>xxvi</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987 (datilografado). p. 36.
- <sup>xxvii</sup> ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana:** romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 234.
- <sup>xxviii</sup> ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana:** romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 236.
- <sup>xxix</sup> ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana:** romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 243.
- <sup>xxx</sup> CPDOC/FGV – RJ. IAA Cf. Memo Co n. 1810 de 04/09/42.

### Referências Bibliográficas:

- ALVES, Vagner Camilo. Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil-Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. In. **Revista brasileira de política internacional.** Janeiro/Junho. Ano/vol. 48, numero 1. Brasília, Brasil. p .151-177.
- CERVO, Arnaldo Luiz; BUENO, Clodoaldo. **A política externa brasileira (1822-1985).** São Paulo: Ática, 1986.
- ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana:** romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX (1914-1991). 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

MAYNARD, A. S. C.

---

LISPECTOR, Clarice. Uma esperança. In.: **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

LOPES, Sonia de Castro. **Lourival Fontes**: as duas faces do poder. Rio de Janeiro: Litteris Ed.: 1999.

MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Maurício. **Fascismos**: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. pp. 29-44.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: A penetração cultural americana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do Regime. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional- estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, v.2.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **Ser ou não ser um bom vizinho**: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra. In. Revista USP. São Paulo. Junho-Agosto, 1995. p.52 -61.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis, FERRIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp. 109-164.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor**: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987 (datilografado). 50 p.

### Filme:

DISNEY, Walt. **Alô, Amigos!** Brasil, 1942, 42 min.

### Sites consultados:

Disponível

em:

<[http://1.bp.blogspot.com/\\_fkGLcDrjuIU/Si6t8s6GxeI/AAAAAAAAACmU/Oa8AqNYA1cw/s400/face.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_fkGLcDrjuIU/Si6t8s6GxeI/AAAAAAAAACmU/Oa8AqNYA1cw/s400/face.jpg)> Acesso em 13.08.2009 às 18h.

MAYNARD, A. S. C.

---

Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/\\_EdHLYYNjf7s/R56hUYIe\\_bI/AAAAAAAAAG54/IT8pryEGaPg/s200/ze+carioca.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_EdHLYYNjf7s/R56hUYIe_bI/AAAAAAAAAG54/IT8pryEGaPg/s200/ze+carioca.jpg) Acesso em 13.08.2009 às 18h.

Disponível em: <http://blig.ig.com.br/blogbdh/files/2009/04/disney-aa-ze-carioca-abracadonald.jpg> Acesso em 13.08.2009 às 18h.